

CONTRIBUIÇÕES DA TEORIA DA DISTÂNCIA TRANSACIONAL NA FORMAÇÃO DO EDUCADOR MUSICAL A DISTÂNCIA

Nubia Carla Ferreira Cabal - nubiacabau@gmail.com - SEED - Paraná

Patrícia L.L.M. G.de Oliveira - patriciamertzig@gmail.com - UNOESTE

Maria Luisa Furlan Costa - luisafurlancosta@gmail.com - UEM

RESUMO. *Este artigo tem como objeto de estudo a Teoria da Distância Transacional proposta por Michael Moore e a Formação Docente. Com intuito de apresentar as contribuições dessa Teoria e de suas variáveis na formação do educador musical a distância, empreendemos, como procedimento metodológico, um estudo bibliográfico evidenciando a importância do diálogo, da estrutura e da autonomia. Para tanto, realizamos um levantamento da Teoria da Distância Transacional e da Educação Musical, tendo como recorte analítico duas teses de doutorado. Concluímos que com as Tecnologias de Informação e Comunicação, a própria Teoria da Distância Transacional pode ser ampliada, com a exploração de outras variáveis de ensino e aprendizagem, acrescentando novas possibilidades às variáveis já estabelecidas por Moore.*

Palavras-chave: *Teoria da Distância Transacional. Educação musical a distância. Tecnologias da Informação e Comunicação.*

ABSTRACT. *This article has as object of study the Theory of Transactional Distance proposed by Michael Moore and its relations with the Teacher Training. In order to present the contributions of this Theory and its variables in the formation of the Distance musical educator, we undertake, as a methodological procedure, a bibliographic study evidencing the importance of dialogue, structure and autonomy. To do so, we performed a survey of Transactional Distance Theory and Music Education, analyzing two doctoral theses. We conclude that with the information and communication technologies, the Transactional Distance Theory itself can be expanded, with the exploration of other teaching and learning variables, adding new possibilities to the variables already established by Moore.*

Keywords: *Transactional Distance Theory. Distance Musical Education. Information and Communication Technologies.*

Submetido em 19 de agosto de 2018.

Aceito para publicação em 06 de setembro de 2018.

POLÍTICA DE ACESSO LIVRE

Esta revista oferece acesso livre imediato ao seu conteúdo, seguindo o princípio de que disponibilizar gratuitamente o conhecimento científico ao público proporciona sua democratização.

1. INTRODUÇÃO

As teorias que fundamentam os estudos e pesquisas sobre a Educação a Distância (EaD) na contemporaneidade por meio das tecnologias de informação e comunicação (TIC) datam da segunda metade do século XX, elaboradas no período em que as distâncias eram entendidas como distâncias espaciais. Moore (2013), Moore e Anderson (2013) e Moore e Kearsley (2007; 2013) nos apresentam um novo conceito de distância, concebido em termos de suas variáveis psicológicas e pedagógicas e não com base nos fatores geográficos e tecnológicos que dominam a maior parte das discussões atuais relativas ao tema.

Michael G. Moore destaca que a primeira ideia da Teoria da Interação a Distância ou da Distância Transacional é que “a distância é um fenômeno pedagógico, e não simplesmente uma questão de distância geográfica”. (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 239). Diante disso, podemos afirmar que, contemporaneamente, as TIC encurtaram cada vez mais ou acabaram com as distâncias geográficas; sendo assim, o modo de olhar para a EaD e para seu alunado também precisa mudar.

A distância transacional a que se refere Moore (2013) trata de um espaço psicológico de possíveis compreensões errôneas entre aluno e professor, e que precisa ser suplantado por técnicas de ensino. Essa Teoria é apresentada sob três variáveis que não se configuram como variáveis tecnológicas ou comunicacionais, mas variáveis de ensino e aprendizagem, que são: diálogo, estrutura e autonomia do aluno.

A educação musical a distância no Brasil é uma realidade. Alguns cursos de formação inicial na área já são ofertados em instituições de nível superior públicas e privadas. Ainda que existam muitos desafios a serem superados por esses cursos, observamos que os estudos na área não só sinalizam as dificuldades encontradas mas também apontam caminhos e soluções.

Nesse sentido, pontuamos que, no Brasil, as pesquisas em educação musical a distância se apropriam da Teoria da Distância Transacional, fundamentando e investigando essa modalidade de ensino sob a ótica das variáveis estabelecidas por Moore em sua teoria, assinalando-a como relevante e até mesmo essencial para o desenvolvimento dos alunos em cursos a distância.

Nesse âmbito, o Grupo de Pesquisa Educação a Distância e Tecnologias Educacionais/CNPQ da Universidade Estadual de Maringá (UEM) estuda, entre outras, temáticas relacionadas às teorias e metodologias que utilizam diferentes suportes tecnológicos virtuais e de diversas áreas do conhecimento, incluindo a música. Neste artigo, intencionamos colaborar não somente com a formação de professores de música, mas ampliar as possibilidades de desenvolvimento e de autonomia a milhares de professores da educação superior brasileira, por meio de possíveis contribuições entre a Teoria da Distância Transacional e a formação do educador musical em cursos na modalidade a distância.

2. A TEORIA DA DISTÂNCIA TRANSACIONAL: ASPECTOS HISTÓRICOS E TEÓRICOS

Michael G. Moore é conhecido no meio acadêmico como referência no estudo científico em EaD. Sua primeira publicação sobre educação e autonomia data de 1972, quando integrava o quadro de docentes da Universidade de Wisconsin-Madison, EUA. Com o artigo intitulado “A autonomia do aluno — a segunda dimensão da aprendizagem independente”, Moore lança as bases de uma teoria fundamentada não na distância geográfica, mas na distância transacional, ou seja, na distância psicológica e comportamental estabelecida entre professor e aluno na relação espaço/tempo. Essa distância é entendida como um espaço psicológico e, portanto, variável, pois cada aluno estabelece uma relação e um padrão de comunicação com seu professor, e esse padrão pode não ser o mesmo para todos os alunos. Desse modo, consideramos que a distância transacional pode estar presente em qualquer espaço educacional, inclusive na educação presencial. Ao buscar desafiar a hegemonia behaviorista, que preconizava o máximo de controle do processo de aprendizagem por parte do professor, dominante na educação a distância naquele período, Moore apresenta, no título de seu artigo, a importância da autonomia do aluno como uma nova dimensão na aprendizagem.

Em 1969, Michael G. Moore conhece o trabalho de Charles Wedemeyer, à época professor da University of Wisconsin-Madison. O contato com a pesquisa liderada por Wedemeyer levou Moore imediatamente a imergir em ideias sobre educação aberta e a distância. Wedemeyer tornou-se uma importante referência em relação ao trabalho de Michael G. Moore, e a publicação de seu segundo artigo, *Towards a Theory of Independent Learning and Teaching* (Rumo a uma Teoria de Aprendizagem e Ensino Independente é uma tradução livre), em 1973, tem como base a teoria do estudo independente de Wedemeyer.

Segundo Diehl (2013), das centenas de educadores a distância com quem Wedemeyer se relacionou durante sua carreira, três são especialmente importantes: Börje Holmberg, Michael G. Moore e Otto Peters. As práticas desses educadores contribuíram para a construção das principais teorias de educação aberta e a distância. Afirma, ainda, que um olhar sobre a relação de Wedemeyer com Holmberg, Moore e Peters fornece mais informações “sobre a história do campo da educação a distância e de como as ideias de Wedemeyer ficaram conhecidas em todo o mundo” (DIEHL, 2013, p. 42, tradução nossa).

É importante ressaltar que, embora trabalhasse com Wedemeyer, Moore foi “mais influenciado do que este pelo trabalho de Carl Rogers, Abraham Maslow, Charlotte Buhler e outros psicólogos da corrente denominada humanística” (MOORE; KEARSLEY, 2007, 2013), além das ideias de andragogia (Malcolm Knowles) e aprendizado autodirecionado (Alan Tough), que, em 1971, estavam no ápice de sua popularidade.

Podemos entender que o diferencial da teoria de Moore é exatamente os novos termos em que define distância e a relação entre diálogo e estrutura, o que Saba (2003, p. 13) aponta como “o caminho para uma interpretação pós-moderna da

distância na educação” (tradução nossa). A Teoria da Distância Transacional objetivava, portanto, ser abrangente e descritiva, devendo apresentar uma generalidade capaz de incluir todas as formas de educação e proporcionar uma ferramenta conceitual capaz de posicionar um programa de educação a distância em relação a qualquer outro.

Em 1972, na Conferência sobre Aprendizagem Independente, em Vancouver, Canadá, Michael G. Moore divulga sua teoria. Após identificar macrofatores, agrupou e analisou a estrutura de centenas de cursos nos quais “os comportamentos de ensino são realizados à parte dos comportamentos de aprendizagem” (MOORE; KEARSLEY, 2007, 2013).

O lançamento da Teoria da Distância Transacional representava a fusão de duas tradições pedagógicas que, entre as décadas de 60 e 70 do século XX, se apresentavam em constante guerra: a tradição humanística, com valorização do diálogo não estruturado, aberto e interpessoal, e a tradição behaviorista, com base “em objetivos comportamentais com o máximo do controle do processo de aprendizagem por parte do professor” (MOORE, 1993, p. 8). O que Moore fez foi combinar a perspectiva de educação a distância como um sistema industrial bastante estruturado com a perspectiva de uma relação mais centrada na independência do aluno e sua interação com o professor. Assim, desde 1986, essa teoria é conhecida como Teoria da Distância Transacional.

Moore (1993) sustenta que, na Teoria da Distância Transacional, a educação a distância não é uma simples separação geográfica entre alunos e professores, mas um importante conceito pedagógico que descreve as relações professor-aluno, quando estes estão separados no espaço/tempo. Parte do princípio de que essas relações são ordenadas conforme os seguintes componentes: estrutura dos programas educacionais, interação entre alunos e professores e o grau de autonomia do aluno.

Percebemos que a distância é tratada como um fenômeno pedagógico, embora seja correto afirmar que, em educação a distância, todos os alunos estão afastados de seus professores em termos de espaço e tempo. Assim, a interação a distância

[...] é o hiato de compreensão e comunicação entre os professores e alunos, causado pela distância geográfica, que precisa ser suplantado por meio de procedimentos diferenciadores na elaboração da instrução e na facilitação da interação. (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 240).

A interação que Moore (2013) denomina na educação a distância é a inter-relação das pessoas em ambientes virtuais que possuem a característica de estarem separadas fisicamente entre si. Por conseguinte, trata-se de um espaço psicológico de potenciais compreensões errôneas entre alunos e professores que precisa ser suplantado por técnicas especiais de ensino, e esse espaço psicológico e comunicacional é a distância transacional. Moore e Kearsley (2013) citam Rumble (1986) para justificar que, em todo evento educacional, mesmo na educação presencial, existe alguma interação a distância. Assim, a distância transacional é uma variável contínua, um termo relativo e não absoluto. Podemos pontuar que a grande questão de Michael Grahame Moore na elaboração de sua teoria é estabelecer as

diferentes relações e inter-relações de programas educacionais a distância fundamentada em duas variáveis de comportamento de ensino e uma variável de comportamento do aluno. A esse grupo de variáveis, Moore (1993) chamou, respectivamente, de diálogo, estrutura e autonomia do aluno.

Como diálogo, Moore (1993) entende que o termo não significa o mesmo que interação, embora esta última seja necessária para criar diálogo. Em uma relação educacional, o diálogo é direcionado para o aperfeiçoamento da compreensão por parte do aluno. Dessa maneira, a natureza e a extensão do diálogo serão determinadas pela filosofia educacional do curso, pelas personalidades de professores e alunos, pelo conteúdo do curso e por fatores ambientais. Moore (1993) cita como relevante fator ambiental em cursos de educação a distância o meio de comunicação, embora defenda que outras variáveis sejam atendidas à medida que a educação a distância amadurece, especialmente projetos de curso, seleção e treinamento de instrutores e o estilo de aprendizagem dos alunos.

O segundo conjunto de variáveis que determina a interação a distância é definido por estrutura, que são os elementos utilizados na elaboração de um curso, tais como: objetivos de aprendizado, temas de conteúdo, apresentações de informações, estudos de caso, ilustrações gráficas, exercícios, projetos e testes. A estrutura expressa a rigidez ou a flexibilidade dos objetivos educacionais, das estratégias de ensino e dos métodos de avaliação do programa. Sendo assim, é a estrutura que define até que ponto os componentes do curso podem se adaptar ou atender às necessidades individuais do aluno. O cuidado com a estrutura dos elementos que compõem um curso é que define a sua qualidade. Logo, Moore (1993) e Moore e Kearsley (2007; 2013) sugerem que as equipes de criação de um curso devem realizar testes-piloto para se certificar da qualidade e de quanto tempo levará para cada aluno cumprir cada objetivo ou atividade.

É notório que a qualidade do curso também dependerá do sistema de veiculação adotado, de modo que a tecnologia adotada tenha um efeito significativo para o aluno, mas também para o custo de desenvolvimento, que deverá ser compatível com a instituição e seus programas. Convém salientar que, para além da tecnologia utilizada, cada programa ou curso possui especificidades que devem ser respeitadas e analisadas particularmente. A função e os objetivos dos cursos ou programas de ensino determinarão a extensão da estrutura.

A estrutura é um elemento-chave da Educação a Distância e, juntamente com a variável diálogo, definirá o nível de interação a distância. Assim, cursos excessivamente estruturados não possibilitarão o diálogo entre professor e alunos, e, conseqüentemente, a distância transacional será grande, de maneira que os alunos terão de ser mais autônomos em relação à tomada de decisões sobre seu próprio aprendizado. Já em cursos que tenham muito diálogo e pouca estrutura predeterminada, a extensão da distância transacional será menor, de forma que o diálogo com professores ou instrutores permitirá modificações para atender às necessidades ao estilo de aprendizagem e ao ritmo de cada aluno. É possível inferir

que é a estrutura que definirá a distância transacional, e esta, por sua vez, definirá o grau de autonomia do aluno.

Os cursos podem ser mais ou menos estruturados, e essa variável será definida pela “filosofia educacional da organização de ensino, pelos próprios professores, pelo nível acadêmico dos alunos, pela natureza do conteúdo e pelos meios de comunicação empregados”. (MOORE; KEARSLEY, 2013, p. 299).

Assim como o diálogo, a estrutura é uma variável qualitativa determinada pelos meios de comunicação, pela função do curso, de programa para programa, e também pela filosofia e características emocionais dos professores, pelas personalidades dos alunos e pelas restrições impostas pelas instituições.

Podemos concluir que o sucesso de cursos de Educação a Distância depende diretamente de oportunidades adequadas de diálogo e de materiais bem estruturados. Moore (1993) assinala que, na prática, o assunto se torna complexo, pois o que é adequado varia de acordo com o conteúdo, o nível de ensino e as características do aluno, mas, principalmente, com a sua autonomia

É preciso muita habilidade para facilitar o grau de diálogo que seja suficiente e adequado para determinados alunos. Superar desta forma a distância transacional através da estruturação adequada da instrução e do uso adequado do diálogo é bastante trabalhoso. (MOORE, 1993, p. 6).

Em seu trabalho publicado em 1972 com o título “A autonomia do aluno — a segunda dimensão da aprendizagem independente”, Moore e Kearsley (2013) enunciavam que educadores universitários por correspondência negligenciavam a habilidade de os estudantes serem responsáveis por seus próprios processos de aprendizagem e, com isto, os educadores limitavam o potencial da modalidade. Os autores argumentavam que havia padrões reconhecíveis de características de personalidades de alunos que se saíam bem em programas mais dialógicos e menos estruturados ao lado dos que preferiam programas menos dialógicos e mais estruturados. O estudo também evidenciou que vários alunos usavam os materiais didáticos e os programas de ensino à sua maneira, sob seu próprio controle, para atender a seus objetivos. E esse comportamento foi denominado pelos autores como autonomia do aluno.

O conceito de *autonomia do aluno* significa que alunos têm capacidades diferentes para tomar decisões a respeito de seu próprio aprendizado. [...] o grau em que existem esses comportamentos do aluno pode ser visto como uma dimensão importante para a classificação dos programas de educação a distância. (MOORE; KEARSLEY, 2007, p. 45; 2013, p. 301).

Nesse sentido, podemos entender que a autonomia do aluno é a medida pela qual este, e não o professor é quem determina os objetivos, as experiências e as decisões de avaliação dos programas de aprendizagem. Essa assertiva nos leva a concluir que se torna imprescindível para o desenvolvimento e a estruturação de um curso conhecer o perfil dos alunos em questão, pois o que se pressupõe é autonomia como característica de um aluno adulto.

Ainda em relação à autonomia do aluno, Moore (2013) alega que os psicólogos humanistas, principalmente Carl Rogers (1969), foram responsáveis por estabelecer a ideia de aluno autônomo, sustentada por uma pesquisa empírica de Alan Tough (1971), demonstrando que

[...] os estudantes têm, em diferentes graus, a habilidade de desenvolver um plano de aprendizagem pessoal, para encontrar recursos para estudar em seus trabalhos ou ambientes comunitários, e para auto avaliar quando o progresso foi satisfatório. (MOORE, 2013, p. 72).

Moore (1993) adverte que alguns programas permitem maior exercício da autonomia do que outros, mas isso não significa que todos os alunos são totalmente autônomos. Ou seja, assim como diálogo e a estrutura, a autonomia do aluno é um conceito relativo e não absoluto. Para desenvolver esse conceito, Moore (1993) criou uma descrição de um aluno ideal totalmente autônomo, que seria, nas palavras do psicólogo Robert Boyd (1996), uma pessoa que "pode abordar assuntos diretamente sem ter um adulto participando de um conjunto de papéis de mediação entre o aluno e a matéria" (Apud MOORE, 1993, p. 9). Concordando com Malcolm Knowles (1970), que considerava que os alunos são treinados para serem dependentes do sistema escolar, essa premissa indicava que os adultos não estariam preparados para uma aprendizagem independente e apenas uma minoria conseguia agir com total autonomia; assim, Moore (1993) conclui que torna-se obrigação do professor ajudar os alunos a desenvolver essa habilidade.

Durante a pesquisa que levou ao desenvolvimento da Teoria da Distância Transacional, Moore (2013) declara que

[...] ficou evidente que alguns programas permitem ou exigem um exercício maior de aprendizagem autônoma do que outros e que há condições sob as quais a autonomia do aluno deve ser exercitada e outros onde um grau menor de autonomia é mais apropriado (p. 72, tradução nossa).

Sob essa hipótese, o autor demonstrou que programas de ensino e aprendizagem podem ser organizados, além da extensão da estrutura e do diálogo, de acordo com a extensão de autonomia do aluno permitida por cada programa.

Outra importante observação de Moore (2013) a respeito de sua Teoria é que alguns pontos foram mal compreendidos. Primeiramente, destaca que não afirmou que todos os alunos são totalmente ou até altamente autônomos, ou seja, o que deve ser considerado é que os aprendizes variam em suas habilidades de exercitar a autonomia, e essa variação depende também do curso em questão. A segunda diz respeito à afirmativa de que alunos altamente autônomos não precisam de professores. Sobre esse ponto, o que difere na visão do autor é o relacionamento entre professores e esse tipo de aluno, pois alunos com menos autonomia precisam de mais apoio emocional, enquanto que alunos mais autônomos precisam apenas de apoio instrumental, isto é, da informação necessária para realizar a atividade.

3. A EDUCAÇÃO MUSICAL

A educação musical, apesar de não ter tradição no ensino básico brasileiro, não é área recente no restante do mundo. Assim como o ensino de Arte, a educação musical, de forma geral, demonstra relações diretas com os movimentos estéticos historicamente situados. Sabemos que tanto a Idade Moderna quanto a Contemporânea, para o mundo ocidental, apresentaram distintas visões de mundo.

As diferentes sociedades europeias se configuraram a partir das descobertas, das invenções, da Filosofia, da Economia, da Política e da Cultura, de maneira geral. Movimentos como o Iluminismo e as revoluções pelas quais passaram a Europa, como, por exemplo, a Francesa e a Industrial, influenciaram não apenas o modo de vida europeu, mas também condicionaram, no universo musical, um padrão de música considerado posteriormente como ocidental. Da mesma maneira, as novas tecnologias afetaram a forma como compositores e educadores tratam a música e a educação musical.

A educação musical, historicamente, acompanha esses movimentos estéticos em relação aos conteúdos, mas nos aspectos metodológicos, podemos pensar que não sofreu grandes alterações no modo de se ensinar música do Renascimento até o século XX. Nesses 400 anos, esse ensino foi baseado na relação mestre-discípulo, e os conteúdos giravam em torno de técnicas composicionais, instrumentais e regência de coros e orquestras. Havia uma seleção dos alunos considerados aptos para o aprendizado do instrumento musical e o talento natural era um importante critério.

Atualmente, ainda observamos os modelos de conservatórios e escolas de música adotando o ensino individualizado, centrado na figura do professor e valorizando a técnica instrumental. Esse modelo parte de uma visão de mundo antropocêntrica e eurocêntrica.

Entretanto, as diferentes tecnologias criadas pelo homem ao longo da história da humanidade foram significativas para a área e alteraram de alguma maneira o jeito de pensar e fazer música. Como exemplo, podemos citar desde a invenção da escrita musical, pelo monge Guido D'arezzo, passando pela gravação e digitalização sonora até o desenvolvimento de softwares utilizados nos cursos de música ofertados na modalidade a distância. Sobre este último, Krüger (2006) assinala, a partir de levantamento nas pesquisas entre 1989 e 2003, os seguintes dados: sete software para aprendizagem de harmonia musical, percepção e instrumento para uso individual e para adulto; sete softwares, também para uso adulto, para aprendizagem e execução de instrumentos musicais individualmente; e um software para o público infantil, individual, para composição e arranjo musical de forma educativa.

Salientamos que as pesquisas selecionadas e analisadas por Krüger (2006) foram defendidas em áreas como Computação, Informática, Engenharias, entre outras, não necessariamente em programas de pós-graduação na área da Música. Acreditamos, com isso, que outras áreas de conhecimento são essenciais para que a educação musical possa se envolver com as TIC de maneira mais eficaz e sem abrir mão do caráter pedagógico de qualquer ação educativa.

Outros materiais utilizando as TIC também foram desenvolvidos com a finalidade principal de fornecer suporte necessário aos cursos de educação musical a distância. Citamos algumas estratégias tecnológicas apresentadas por Gohn (2010): gravação de performances; utilização de dispositivos como MP3 para exemplos musicais; criação de espaços virtuais como websites e blogs; softwares para acompanhamento; programas de edição e síntese sonoras para manipular o som; experimentação com mescla de instrumentos musicais tradicionais com os digitais e de computador; desenvolvimento da percepção sonora por meio de programas de treinamento auditivo; busca de arquivos MIDI na Internet; comparar diversas versões de uma mesma música utilizando a internet como base de dados; utilização de recursos multimídia; e produção de um portfólio digital de cada criação e execução dos estudantes.

Podemos observar que as mudanças ocorridas no século XX alteraram significativamente a forma de se fazer e ensinar música, portanto a formação dos próximos educadores musicais passará, necessariamente, pela utilização das TIC além dos saberes dos conteúdos propriamente musicais. Dessa maneira, ao refletir sobre a Teoria da Distância Transacional na formação do educador musical, procuramos buscar elementos que dêem suporte acerca da relação estabelecida entre a referida teoria e a educação musical.

4. A TEORIA E A FORMAÇÃO DE EDUCADORES MUSICAIS

Na busca por reunir elementos teóricos que evidenciem as contribuições da Teoria da Distância Transacional na formação do educador musical em cursos na modalidade a distância, apresentamos, como recorte analítico, duas pesquisas científicas (teses de doutorado) realizadas em 2007 e 2010. Nessas pesquisas, a Teoria é referência nas buscas dos pesquisadores que investigam a formação de professores de música em cursos na modalidade a distância.

A primeira tese analisada foi defendida por Henderson Filho, em 2007, no Programa de Pós-Graduação em Música da UFRGS. Com o título “Formação continuada de professores de música em ambiente de ensino e aprendizagem on-line”, o autor objetiva investigar a formação continuada de professores em exercício por meio de cursos on-line, assim como sua viabilidade. O pesquisador entrevistou 8 professores de Música atuantes no Ensino Básico e aponta que cursos on-line são possíveis e viáveis desde que cumpram as exigências estabelecidas pela EaD como fundamentais: produção de material didático adequado e condizente ao objetivo proposto, plataformas on-line eficientes e interativas e suporte tecnológico e gestão articulada dos diferentes atores envolvidos (professores, tutores, estudantes e pessoal de apoio institucional).

Henderson Filho (2007) opta pela Teoria da Distância Transacional proposta por Moore (1993) e Moore e Kearsley (2007; 2013). O pesquisador explana sobre essa Teoria e abarca os tópicos diálogo, estrutura e autonomia. Acentua que a distância transacional cunhada pelos autores referidos é uma distância psíquica e não um espaço/temporal, e que, para sua proposta de formação continuada de professores de

música via educação on-line, é fundamental. O pesquisador assim define a distância transacional

A distância transacional é determinada pela quantidade de diálogo que ocorre entre os discentes e docentes e a quantidade de estrutura existente em um curso a distância. Uma distância transacional maior existe quando um programa educacional tem mais estrutura e menos diálogo entre discente e docente. (HENDERSON FILHO, 2007, p. 80).

Em sua pesquisa, o autor conclui que os professores/participantes descreveram a experiência como importante e concordaram que seja possível aprender música a distância em cursos totalmente on-line. As três variáveis apresentadas por Moore (1993) e Moore e Kearsley (2007; 2013), de acordo com a Teoria da Distância Transacional, foram descritas pelo pesquisador como relevantes, e assinala que o diálogo é essencial para o desenvolvimento dos alunos em cursos a distância.

A segunda tese analisada é de Carvalho (2010), intitulada "Possibilidades e limites de uma disciplina do curso de Educação Musical a distância na UFSCar". Defendida no PPG em Educação da UFSCar, a pesquisa traz referências a Paulo Freire (2016) e autores como Maurice Tardif (2014), que tratam de modelos de educação emancipatória baseados nos conhecimentos prévios dos alunos, além de compreender que o professor também utiliza conhecimentos com o respaldo de suas experiências de vida e de sua educação formal.

A tese de Carvalho (2010) aborda as três variáveis apontadas por Moore (1993) e Moore e Kearsley (2007; 2013) como cruciais para uma boa proposta em EaD, que são: diálogo, estrutura e autonomia. Nos resultados de sua pesquisa, a autora levanta duas categorias para analisar os dados coletados por ela, tais como: "Aprendizagens: facilidades, dificuldades e potencialidades na gestão pedagógica da disciplina" e "Aprendizagens: facilidades, dificuldades e potencialidades no processo de ensinar e aprender conteúdos musicais e tecnológicos".

Outras categorias entre os sujeitos, na disciplina on-line, também foram levantadas e discutidas por Carvalho (2010), dentre as quais a linguagem escrita, o compartilhamento de imagens, a colaboração e a cooperação e distância. Todas as categorias foram exemplificadas por meio das trocas entre alunos, professora e tutora no ambiente virtual de aprendizagem. Na categoria distância, por exemplo, Carvalho (2010, p. 137) relata

Apesar da ausência de interação envolvendo olho no olho, contatos mais sinestésicos, a dinâmica adotada procurou ser facilitadora na redução das sensações de distâncias psicológicas, sociais e que pudessem eventualmente afastar os participantes da disciplina e/ou do curso.

A autora aponta, como conclusão, que a distância é um conceito amplo que não fica reduzido, ou limitado, à Educação a Distância. Assinala que estar em uma sala presencial não é garantia de aprendizagem, pois a natureza do que está sendo dito, assim como a maneira como é feita "são variáveis que podem interferir diretamente no sentido de distância entre os interlocutores" (CARVALHO, 2010, p.178).

5. CONCLUSÃO

Quando apontamos que a Teoria da Distância Transacional é uma teoria criada em 1972, procuramos evidenciar que não se trata de uma tese recente, que possui uma trajetória e grande influência nos estudos sobre essa modalidade de ensino. Mas, os avanços das tecnologias e as novas formas de comunicação e interação afetaram a educação, e, conseqüentemente, a Educação a Distância. Dessa forma, novas variáveis podem ampliar o universo proposto inicialmente pela Teoria da Distância Transacional. Esse fato pode ser comprovado nos teses de Carvalho (2010) e Henderson Filho (2007) que, em suas análises, já apontam para novas categorias, sugerindo que as novas formas de Educação a Distância produzem novas formas de interação, comunicação e aprendizado. Observamos que na segunda década do século XXI, a EaD e suas variações *e-learning*, *online-learning* e *blended learning* são co-habitantes no universo educacional, porém não era essa a realidade do ensino nas décadas de 1970 e 1980. Com as facilidades da internet banda larga, alunos podem estar conectados em qualquer lugar, a qualquer tempo, independente da distância espaço-temporal. E essa é realmente uma grande revolução, que deve ser apropriada não só pela Educação a Distância, mas pela educação como um todo.

Assim, observamos que a Teoria da Distância Transacional, apesar de seus mais de 40 anos de existência, ainda cabe perfeitamente nos sistemas de Educação a Distância de vários países do mundo. Por se tratar de uma teoria abrangente, que apresenta uma generalidade capaz de incluir todas as formas de educação, fornece uma ferramenta conceitual muito importante, capaz de posicionar um programa de Educação a Distância em suas variáveis diálogo, estrutura e autonomia do aluno.

Ao analisar as duas teses selecionadas para a construção desta investigação, verificamos que a Teoria da Distância Transacional é essencial na estruturação de um conceito, como, no caso, o entendimento de distância. Entretanto, quando pensamos em educação, é necessário ampliar essa concepção e, com as tecnologias de informação e comunicação, podemos afirmar que os conceitos de diálogo e autonomia, por exemplo, também se expandiram. Não é possível mais pensar em uma educação que não seja emancipatória, que não forme o indivíduo para os padrões da atualidade e que não entenda que professor e aluno compartilham conhecimentos e saberes. Corroborando Carvalho (2010), afirmamos que a Educação a Distância pode não apresentar a interação olho no olho, mas isso não significa que não há interação e que o sentimento de distância, muitas vezes, pode estar mais presente na educação presencial do que no mundo virtual.

Concordamos com os autores analisados, Henderson Filho (2007) e Carvalho (2010), que é possível aprender música a distância. Porém, adquirir conhecimento é muito diferente de adquirir informação. Para que o primeiro aconteça de fato, é necessário não só uma teoria que o fundamente, mas práticas efetivas de interação que levem à reflexão, à contextualização, à transformação do senso comum. Com as Tecnologias de Informação e Comunicação, pontuamos que o estar junto ganha um novo significado, já que podemos estar junto virtualmente e, dessa forma, a própria Teoria da Distância Transacional pode ser ampliada.

Compreender as variáveis apresentadas por Moore e o conceito de autonomia é distinguir as possibilidades de desenvolvimento das relações pedagógicas entre instituição, aluno e professor. Desse modo, discutir a formação do educador musical a distância à luz da Teoria da Distância Transacional é discutir as possibilidades e necessidades do aluno, procurando suplantar o espaço de possíveis informações errôneas entre aluno e professor. Concordando com Moore e Kearsley (2013), que as variáveis da teoria são conceitos relativos e não absolutos, apontamos que é a estrutura de um curso que fixa os níveis de interação e diálogo, mas é a autonomia do estudante que definirá como o mesmo busca o conhecimento e o aprendizado.

REFERÊNCIAS

- BAUM, W. M. **Compreender o Behaviorismo. Comportamento, cultura e evolução.** 2 ed. Porto Alegre, RS: Artmed Editora, 2006.
- CARVALHO, I. A. **Potencialidades e limites de uma disciplina do curso de Educação Musical a distância na UFSCar.** 2010. 213f. Tese (Doutorado em Educação)-Centro de Educação e Ciências Humanas, UFSCar, São Carlos, 2010.
- DIEHL, W. C.; WEDEMEYER, C. Visionary Pioneer of Distance Education. In: MOORE, M. G.; ANDERSON, W. G. **Handbook of distance Education.** 3 ed. New York: NY Routledge, 2013. p. 38-48.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido.** 60 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.
- GOHN, D. Tecnologias digitais para Educação musical. São Carlos: EdUFSCar, 2010.
- HENDERSON FILHO, J. R. **Formação continuada de professores de música em ambiente de ensino e aprendizagem online.** 2007. 250f. Tese (Doutorado em Música)-Instituto de Artes, UFRGS, Porto Alegre, 2007.
- KRÜGER, S. E. Educação musical apoiada pelas novas Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC): pesquisas, práticas e formação de docentes. **Revista da Abem,** Porto Alegre, v. 14, p. 75-89, mar. 2006.
- MOORE, M. G.; ANDERSON, W. G. **Handbook of distance Education.** New York, NY: Routledge, 2013.
- MOORE, M. G.; KEARSLEY, G. **Educação a distância: uma visão integrada.** São Paulo: Thomson Learning, 2007.
- _____. **Educação a distância: sistemas de aprendizagem online.** 3. ed. São Paulo: Cengage Learning, 2013.
- MOORE, M. G. The Theory of Transactional Distance. In: MOORE, M. G.; ANDERSON, W. G. **Handbook of distance Education.** 3 ed. New York: NY Routledge, 2013, p. 66-87.
- MOORE, M. G. Teoria da Distância Transacional. **Revista Brasileira de Aprendizagem Aberta e a Distância,** São Paulo, v. 1, ago. 2002.
- SABA, F. Distance Education Theory, Methodology, and Epistemology: A Pragmatic Paradigm In: MOORE, M. G.; ANDERSON, W. G. **Handbook of distance Education.** Mahwah, New Jersey: Lawrence Erlbaum Associates, 2003, p. 03-20.
- TARDIF, M. **Saberes docentes e formação profissional.** Petrópolis, RJ: Vozes, 2014.